

O conceito de América Latina: hispano-americanos e a panlatinitude europeia

The concept of Latin America: Hispano-Americans and European pan-Latinity

Carla Brandalise

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

carlabranda@terra.com.br

Resumo: Este artigo pretende, por um lado, contribuir com os debates acadêmicos a propósito das ocorrências histórico-intelectuais que levaram a agregação de duas terminologias, América e Latina, a ponto de se tornar essa expressão, a forma geopolítica mais consagrada para se reportar à região. Neste sentido, busca analisar as múltiplas influências, tanto hispano-americanas, quanto europeias, que atuaram na formação desse conceito composto. Por outro lado, o artigo investiga como, em termos panlatinos, um país em especial e em determinada época, a Itália dos anos de 1920, incorpora sobremaneira a expressão para auxiliar em sua aproximação com a porção sul do continente americano.

Palavras-chave: Latinidade; Panlatinitude; Hispano-americanismo, França, Fascismo italiano

Abstract: This paper aims, firstly, to contribute to the academic debate regarding the historical-intellectual events which led to the merging of two terms, Latin and America, to the point of said expression eventually becoming the most commonly accepted geopolitical term referring to this region. In this sense, it seeks to analyze the multiple influences, both Hispano-American and European, which acted on the formation of this composite concept. Secondly, it investigates how, in pan-Latin terms, a country in particular at a particular time, Italy during the 1920 decade, greatly incorporates the expression to help its rapprochement to the southern part of the American continent.

Keywords: Latinity; Pan-Latinity; Hispano-Americanism, France, Italian fascism

Apresentação

América Latina. Essa denominação composta e, ao mesmo tempo, autônoma em seus dois termos, reportada à porção sul do continente americano está tão imbricada em nosso cotidiano a ponto de nos parecer algo imanente, atemporal. No entanto, a

nomenclatura apresenta uma história própria e, no que concerne especificamente a 'latina', esse elemento imediato com vida à parte, o termo se impôs de forma muito mais recente do que, em geral, se imaginava. Um dado importante deve ser desde já colocado. A partir de suas origens, a aceitação assumiu um caráter significativamente operatório, com uma finalidade política em si, algo construído para servir de instrumento simbólico, seja em afirmação de uma identidade interna de seus povos, que buscavam auto reconhecimento e emancipação política; seja em uma concorrência de espaços hegemônicos em território americano entre determinadas nações.

Tem sido essa, no essencial, a trajetória intermitente do conceito, vinculado assim, de um lado, aos anseios de autoridade moral das nações recém-surgidas no subcontinente, cuja independência política conquistada, de modo geral, em princípios do século XIX, não representou necessariamente uma soberania plena sobre seus destinos; e de outro lado, ligado à legitimação da presença estrangeira no continente, em suas disputas econômicas, políticas e culturais.

Esse artigo pretende retratar, em primeiro lugar, a história da agregação da palavra 'latina' a esta circunscrição geográfica denominada mais remotamente de 'América'; em segundo lugar, as estratégias que um país em especial, a Itália, estabelece nos anos de 1920 para se apropriar do termo enquanto mais uma justificativa para sua inserção na porção sul do continente americano. Justamente nessa década, essa nação demonstra um particular interesse pela América Latina, criando ou remodelando, com base em seu passado, toda uma teorização a propósito de sua suposta íntima conexão com aquele subcontinente. O adágio da Itália constituía em apresentar-se como a essência mesma da latinidade¹, onde reivindicava a primazia, o *primato*, a condição de fonte originária de todos os 'latinos', a representação por excelência da *Madre Patria*.

O percurso do conceito

No plano político-cultural, o termo utilizado em referência ao México, à parte central e meridional da América começa a ser incorporado de forma recorrente ao vocabulário americano e europeu em meados do século XIX. Em uma primeira matriz formuladora, a ideia de América 'Latina', enquanto enunciado composto, surge sob a reflexão de uma rede de intelectuais hispano-americanos, em geral, residentes ou de passagem pela Europa (frequentemente França e, em menor escala, Espanha, entre outros) e relaciona-se em especial ao temor da expansão imperialista dos Estados Unidos pelo subcontinente. Aparece aqui um esboço de movimento 'latino'-americanista, também resistente à manutenção da ingerência excessiva dos europeus, que não seja para

1 Segundo Mastellone (1981: 13): "A palavra latinidade é usada por filólogos e por historiadores para indicar o estudo dessa cultura através dos séculos, onde se falou de latinidade medieval e de latinidade do Renascimento; em francês, com a palavra latinidade, se designa também o conjunto de nações de língua e de civilização latina e, de um ponto de vista estreitamente geográfico, se estabelece que o domínio geográfico da latinidade é essencialmente aquele do antigo Império romano."

auxiliar na reação ao vizinho do norte. A ansiedade quanto às ações invasivas norte-americanas aparece manifesta em relatos da época. O panamenho Justo Arosemena, idealizador da autonomia federal do Panamá, denuncia em 1856, "Hace más de veinte años que el Águila del Norte dirige su vuelo hacia las regiones ecuatoriales. No contenta ya con haber pasado sobre una gran parte del territorio mejicano, lanza su atrevida mirada mucho más acá." ² Ou ainda nas palavras de Francisco Bilbao (1856), "la América debe al mundo una palabra. Esa palabra pronunciada, será la espada de fuego del genio del porvenir que hará retroceder al individualismo Yankee en Panamá."³

Ao mesmo tempo, em uma segunda matriz de concepção, a terminologia é devedora a político-intelectuais franceses e de hispano-americanos francófilos, admiradores confessos do imperador da França, Napoleão III, e que giravam mais diretamente ao entorno de sua corte. Nesse viés, o conceito tomaria uma forma concreta especialmente "às vésperas da expedição militar – e científica – e francesa e europeia – ao México" no bojo da estratégia francesa de intervenção no Novo Mundo. (Martinière, 1982: 27) ⁴ O 'panlatinismo' fornece a tônica nesse ambiente.

Os limites e influências entre ambas as matrizes inspiradoras da nova adição conceitual restam nebulosos, alimentando um debate acadêmico sobre a questão. ⁵ Boa parte das reflexões gira em torno da negação de que a origem do termo tenha sido francesa e sim oriunda de intelectuais hispano-americanos. Existe a importante intenção de demonstrar o papel primordial dos hispano-americanos na criação deste vocábulo, que, por muito tempo, foi reportado com o sentido de exclusividade francesa. Este último ponto de vista foi difundido pelo historiador norte-americano John Leddy Phelan (1969: 119-141).⁶

Ao realizar uma investigação na bibliografia francesa de meados do século XIX, Phelan afirmou que a junção de América com 'Latina' teria ocorrido na língua francesa pela

2 Citado por Soler (1987: 157)

3 Bilbao, Francisco. "Iniciativa de la América Idea de un Congreso Federal de las Repúblicas". (1856). Extraído em 03/02/2013 desde <http://www.filosofia.org/aut/002/fbb1285.htm>

4 Ou, como afirmou John L. Phelan (1993: 463), "Latino-américa foi concebida na França durante a década de 1860, como um programa de ação para incorporar o papel e as aspirações da França em relação à população hispânica do Novo Mundo."

5 Para o debate, consultar entre outros: Ardao, Arturo (1980); Phelan, John Leddy (1969); Mix Rojas, Miguel (1991); Estrade, Paul (1994); Quijada, Mónica (1998). Para Ardao e Mix Rojas, o emprego de "América Latina" decorre de uma consciência latino-americana surgida a partir da antítese saxão/latino, despertada em relação às perspectivas de criação de uma auto-identificação cultural, ao mesmo tempo anti-imperialista e anticolonialista.

6 Esta interpretação de J. Phelan, de fato, toma por muito tempo valor de verdade e se reproduz na literatura sobre o assunto, como se observa na obra clássica de Richard M. Morse (1988: 14): "O termo "América Latina" provém da França de Napoleão III, quase quatro séculos após a descoberta das Índias Orientais, como parte de um discurso "geoideológico" para a suposta unidade linguística, cultural e "racial" dos povos latinos, em contraposição aos germânicos, anglo-saxões e eslavos."

primeira vez no ano de 1861, através da crônica sobre os acontecimentos recentes do mundo latino escrita pelo acadêmico L. M. Tisserand no periódico *Revue des Races Latines*. Um periódico de ardorosa defesa da ação expansionista da França. Os hispano-americanos só teriam começado a usar a nomenclatura mais tarde, e a reboque dos franceses. Fato é que, independentemente da primeira vez em que a expressão aparece no texto impresso, a palavra começa a proliferar entre hispano-americanos e franceses com uma diferença de poucos anos. Entre 1856 a 1967, vários são os registros.

Comum às duas matrizes, e talvez neste ponto a principal via de mútua validação, estava a concepção do irredutível e inalienável conflito de raças em voga no momento. Um mundo latino face a mundos anglo-saxões, germânicos e eslavos. A ênfase deste embate mostrava-se delineada conforme os conflitos iminentes e/ou históricos. Hispano-americanos temiam os norte-americanos, em especial, mas ocupações indevidas de seu território pelas potências europeias também não eram bem quistas, a exemplo da própria ocupação francesa no México. Por sua vez, europeus auto-identificados como latinos, viam com estranhamento a evolução e/ou desenvoltura dos 'povos do norte e do leste'.

No entanto, levando-se em conta a existência conjuntural histórica comum e as convivências nos mesmos centros culturais europeus pela maior parte desses políticos e/ou intelectuais, as interações e influxos devem ter sido bastante correntes, constantes e auto-reforçantes.⁷ Não parece prudente, desta forma, uma secção muito pronunciada entre as duas matrizes formadoras da expressão. Uma vez devidamente recuperado o papel fundamental, e talvez preponderante, da vertente hispano-americana, trata-se antes de investigar a proliferação do conceito em determinada época, como tendo sido um produto de debates e reflexões de um momento histórico, com múltiplas influências.⁸

É corrente que, entre hispano-americanos, a ideia de uma união geográfica não era nova, o que, sem dúvida, serviu para fundamentar os debates do período. Almejar uma identidade e uma denominação comum a este específico conglomerado, ou a parcelas

7 Por outro lado, Leslie Bethell (2009: 293) observa que não havia nenhum brasileiro entre os primeiros a usarem o termo América Latina, pois os mesmos não se consideravam como compondo esta identidade geográfica 'latina' que se estava construindo: "Quando os escritores e intelectuais brasileiros se referiam ao mundo fora do Brasil, não pensavam na América Latina – de fato, não se consideravam parte da "América Latina", e sim na Europa, principalmente na França ou, em casos mais raros, na América como um todo, incluindo os Estados Unidos." Da mesma forma, mostra Bethell (2009: 298), os norte-americanos não representavam uma ameaça aos brasileiros, antes se destacava um sentido positivo: "Os Estados Unidos eram vistos não só como a melhor defesa contra o imperialismo europeu (que, para o Brasil, era uma ameaça maior do que o imperialismo estadunidense), mas também como responsáveis por estabelecer ordem, paz e estabilidade na América Espanhola."

8 Quijada (1998: 608) é bastante categórica: "En resumen, fue en la década de 1850 que surgió el nombre de "América Latina", y su invención como tal correspondió estrictamente a los hispanoamericanos, en el marco de los temores que despertaba la política expansionista de los Estados Unidos."

significativas do movimento, correspondeu a um anseio de primeira hora em meio aos intelectuais e políticos do Sul América na medida em que se agravava a crise colonial e as emancipações se anunciavam em fins do século XVIII e início do século XIX. Ou seja, a nomenclatura 'latina' não fora a primeira tentativa, havia já um amplo movimento anterior de busca de um nome identitário de conjunto.

Colombia foi um dos termos mais recorrentes na primeira metade do século XIX. Francisco de Miranda, por exemplo, no ensejo da luta pela independência, lançou o nome de *Colombia* para desenhar no mapa toda a região de língua espanhola na América. O contingente militar, o qual liderou pelas costas da Venezuela, recebeu a alcunha de *Ejércitos Colombianos* e seu primeiro manifesto independentista, de 1801, intitulou-se *Proclamación a los Pueblos del Continente Colombiano, alias Hispano-América*. No texto encontra-se a referência, "los cabildos y ayuntamientos de las villas y ciudades que componen las colonias del Continente Colombiano, enviarán sin dilación sus diputados al cuartel general del Ejército."⁹ Simón Bolívar, em *Carta de Jamaica*, de 1815, adere ao termo, mas circunscreve *Colombia* como a denominação a ser conferida ao novo estado que emergiria da fusão da Venezuela e Nova Granada:

La Nueva Granada se unirá con Venezuela, si llegan a convenirse en formar una república central, cuya capital sea Maracaibo o una nueva ciudad que, con el nombre de Las Casas (en honor de este héroe de la filantropía)...Esta nación se llamará Colombia como un tributo de justicia y gratitud al criador de nuestro hemisfério¹⁰.

O malogro deste propósito de união fará com que o chileno Francisco Bilbao, já em meados do século XIX, manifeste sua decepção, ao publicar, "la idea de la Confederación de la América del Sur, propuesta un día por Bolívar, intentada después por un Congreso de plenipotenciarios de algunas de las Repúblicas, y reunido en Lima, no ha producido los resultados que debían esperarse. Los Estados han permanecido *Des-Unidos*."¹¹

No entanto, a despeito de tentativas e fracassos anteriores, o termo 'latina', em determinado momento, e por razões de determinação não evidentes - mas que podem produzir algumas hipóteses - acabará por se impor à História.¹² Em 1870, o porto-

9 Miranda, Francisco. Proclamación a los Pueblos del Continente Colombiano, alias Hispano-América. (1801) Extraído em 10/02/2013 desde:

<http://uniondelsur.menpet.gob.ve/interface.sp/database/fichero/free/30/4.PDF>

10 Bolívar, Simón. Carta de Jamaica (1815) Extraído em 12/02/2013 desde

<http://www.cpihts.com/PDF/Simon%20Bolívar.pdf>

11 Bilbao, Francisco. "Iniciativa de la América. Idea de un Congreso Federal de las Repúblicas (1856)". Extraído em 14/02/2013 desde <http://www.filosofia.org/aut/002/fbb1285.htm>.

12 Talvez, neste ponto, a conjuntura histórica de promoção da panlatinitude por parte da França tenha ajudado à fixação do conceito. Isto em meio a uma época de concorrência entre as nações a propósito das Ligas de "Raças" e/ou Ligas Geográficas. O termo panlatino ou o latinismo americano derivam de uma manifestação característica do século XIX, que veio a ser os chamados 'panismos'. Concepções teóricas formuladas em muitos pontos do planeta, cuja ideia central consistia em criar a noção de coletividade associada, em geral, sob direção de um centro forte, de

riquenho Eugênio María de Hostos ainda defendia o uso de *Colombia* em artigo sobre a Batalha de Ayacucho, “entonces el Continente se llamará Colombia, em lugar de no saber como llamarse”¹³ Mas, quatro anos depois, escrevendo em 1874, na cidade de Nova York, Hostos se via obrigado a notificar o não reconhecimento desta denominação, “no obstante los esfuerzos hechos por Samper, por algunos otros escritores latino-americanos y por el autor de este artículo, reforzados por la autoridad de la Sociedad Geográfica de Nueva York, no prevalece todavía el nombre colectivo de Colombia”. Ao invés, recomenda adotar “el de latinoamericanos que yo uso para los habitantes del Nuevo Mundo que proceden de la raza latina y de la ibérica.”¹⁴

Vejamos, assim, as múltiplas ocorrências do termo nesta segunda metade do século XIX. Na referida segunda matriz, entre os intelectuais franceses e ibero-americanos adictos à corte de Napoleão III, encontra-se Carlos Calvo. Esse jurista havia sido embaixador da Argentina e do Paraguai na França e na Grã-Bretanha, também um dos fundadores do Instituto de Direito Internacional em Gand, na Bélgica. Em sua dedicatória do seu livro *Recueil complet des Traités*, publicado em Paris no ano de 1862, inclui o vocábulo latino para América, além de fazer a apologia de Napoleão III:

Vossa Majestade Imperial é o soberano da Europa que melhor compreendeu toda a importância da América Latina e que contribuiu de maneira mais direta ao imenso desenvolvimento do comércio entre a França e aquele vasto continente. Um dos filhos das margens férteis do Plata, contando com a benevolência habitual que é uma das características distintivas de Vossa Majestade, ousa solicitar a Vossa Majestade que aceite a dedicatória desta obra [...] como expressão sincera de gratidão de todos os povos de raça latina¹⁵.

Segundo Ardao (1992-a: 105) entre 1861 e 1868, seis autores franceses e dois hispano-americanos residentes na França passaram a empregar a noção. O abade Emmanuel Domenach, por exemplo, autor de *Journal d'un Missionnaire au Texas et au Mexique: 1846-1852*, ao fazer uso do termo explicitou a geopolítica englobada pela expressão: o México, a América Central e a América do Sul. É nesse universo que se desenvolve a noção de panlatinidade, a união racial latina sob liderança da França, onde essa última nação pretendia justificar e garantir certa dianteira quanto a áreas de posse e influência no subcontinente latino-americano. Não só intencionava assegurar-se de seu espaço em relação a outros países europeus que podiam igualmente reclamar a latinidade na

países, povos, comunidades de ‘parentesco’ referindo-se a etnias, línguas, culturas, religiões, a exemplo do ‘pangermanismo’, ‘pan-eslavismo’ e do ‘pan-helenismo’; ou a grandes composições geográficas, como o ‘pan-americanismo’, o ‘panasiático’, o ‘pan-africanismos’. (Ardao, 1993-b: 158)

13Hostos, Eugênio María. Ayacucho (1870). Extraído em 16/02/2013 desde <http://www.ensayistas.org/antologia/XIXA/hostos/hostos1.htm>

14 Citado por Ardao (1978: 27)

15 Calvo, Carlos (ed.) *Recueil complet des traités, conventions, capitulations, armistices et autres actes diplomatiques de tous les Etats de l'Amérique latine*. 16 vols. Paris, 1862-1867.

Extraído 18/02/2013 desde <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k958603/f5.image>

América, como Espanha, Portugal e Itália, como também conter a progressão dos Estados Unidos ao sul.

Na matriz hispano-americanista, o colombiano José María Torres Caicedo (1830-1889) e o chileno Francisco Bilbao (1823-1865) utilizaram precocemente a denominação.¹⁶ Mesmo que os hispano-americanos tenham sido os primeiros a usar (ou a publicar, o que não é a mesma coisa) o termo, não podemos ignorar, por exemplo, que Caicedo e Bilbao são também produtos de uma época e de uma vivência em Paris.¹⁷ Porém, suas contribuições à construção e difusão do conceito inseriram-se mais estreitamente no alerta ao perigo da admoestação possível dos estadunidenses para com os povos ao sul do Rio Grande.

Para o advogado e ensaísta Caicedo, as bases do conglomerado político estariam nas heranças culturais comuns: a 'raça' latina, a língua espanhola, o catolicismo, mas também o republicanismo e o antiescravismo.¹⁸ Ele escreve a partir da cidade de Veneza, em setembro de 1856, e publica no mês de fevereiro de 1857 no *El Correo de Ultramar* - periódico de língua espanhola editado em Paris, com circulação na Europa e na América - o texto poético *Las dos Américas*¹⁹, onde prega a união dos latinos contra

16 No debate acerca da paternidade do termo e na busca um tanto temerária de quem primeiro publicou a palavra, Caicedo e Bilbao aparecem em destaque, assim como o fato de ambos terem residido em Paris: "En rigor el neologismo América Latina, que al parecer hizo su aparición a mediados del siglo XIX, tuvo como verdaderos padres al colombiano José María Torres Caicedo y al chileno Francisco Bilbao, ambos entonces residentes en París." Vilaboy; Gallardo (2006: 23) Para Quijada (1988: 606), "...el colombiano José María Torres Caicedo quien fue con toda a probabilidad - es decir, en la medida en que no se encuentran nuevos testimonios - el padre del invento. Por sua vez, McGuinness (2003) introduz o nome do panamenho Justo Arosemena (1817-1896), que se referiu em discurso e publicação aos termos "América Latina" e "interesse latino-americano" ainda no ano de 1856.

17 Vilaboy; Gallard (2006: 26), fazem a seguinte concessão ao papel da França quanto ao conceito: "Sin duda, la cultura francesa contribuyó de manera significativa al surgimiento del término América Latina, no sólo creando el ambiente intelectual que permitió su invención por Bilbao y Torres Caicedo, sino porque después Francia fue también importante en la difusión internacional del pegajoso nombre dado al subcontinente." Da mesma forma, Quijada (1988: 603) assinala a presença da França: "Los hispanoamericanos comenzaron a utilizar el adjetivo "latino" asociado al nombre "América" en los inicios de la década de 1850, y generalmente en el marco de viajes a Francia realizados por algunos de ellos."

18 Estas categorias, republicanismo e luta contra o escravismo, prejudicavam a imagem do Brasil e afastavam os intelectuais hispano-americanos de maior interação com brasileiros, dado que na época o Brasil era justamente um país com mão-de obra escrava e uma Monarquia, a despeito das correntes antiescravistas e republicanas também presentes na nação brasileira.

19 Na mesma época, seus artigos apareciam também na revista madrilenha *La América*, o que parece caracterizar uma extensiva rede de 'latin o-americanismo'. Caicedo publicará em Paris ainda mais duas obras significativas para o conceito: *Bases para la formación de una Liga Latinoamericana* (1891) e *Unión latino-americana, pensamiento de Bolívar para formar una liga americana, su origen y desarrollo* (1865). Ardao (1992-b).

a ameaça anglo-saxônica. Nesse poema surge a expressão escrita de "América Latina" e a associação da mesma a uma "raça" diferente da "raça saxônica":

Mas aislados se encuentran, desunidos,
Esos pueblos nacidos para aliarse:
La unión es su deber, su ley amarse:
Igual origen tienen y misión;
La raza de la América latina,
Al frente tiene la sajona raza,
Enemiga mortal que ya amenaza
Su libertad destruir y su pendón²⁰.

Por sua vez, Francisco Bilbao, em conferência realizada na capital francesa no mês de junho de 1856 - três meses antes que Caicedo - citou o gentílico "latino-americano" e conclamou a "unidade latino-americana". A exposição pública gerou, no mesmo ano, uma publicação em Paris, intitulada *Iniciativa de la América. Idea de un Congreso Federal de las repúblicas*.²¹ O chileno introduz o seu texto explicando a quem havia se dirigido: "Las palabras que publico, fueron leídas el día 22 de Junio de 1856 en París, en presencia de treinta y tantos ciudadanos pertenecientes a casi todas las Repúblicas del Sur." Seu manifesto faz uma proclamação pela união dos sul americanos.

Bilbao retoma a ideia bolivariana da Confederação da América do Sul com vistas a uma aliança para garantir a independência territorial, amenizar as divisões internas, garantir os valores da República e dinamizar os interesses econômicos. Tal congregação de imediato faria retroceder o avanço *yankee* no Panamá. Faz, igualmente, um apelo para que mais uma tentativa de junção de forças não fosse em vão: "¿Habrà tan poca conciencia de nosotros mismos, tan poca fe de los destinos de la raza Latino-Americana, que esperemos a la voluntad ajena y a un genio diferente para que organice y disponga de nuestra suerte."²² Bilbao, porém, não teria seguido usando o conceito em protesto à invasão francesa no México. (Vilaboy; Gallardo, 2006: 24)

Voltando à matriz francesa, a defesa da pa latinidade assume contornos fundamentais através das ideias avançadas pelo discípulo de Claude Saint-Simon, o economista, conselheiro de Napoleão III e professor do *Collège de France* entre 1842 e 1859, Michel Chevalier (1806-1879). Esse último insistia sobre a responsabilidade da França, herdeira das nações católicas europeias, na fomentação na América e, de resto, no mundo, da flama da raça latina em seus diferentes braços francês, belga, italiano, espanhol e

²⁰Caicedo (1857). Extraído em 16/02/2013 desde:

<http://www.filosofia.org/hem/185/18570215.htm>

²¹ Bilbao, em *El evangelio americano* e *La América en peligro*, suas publicações anteriores mais significativas, já se mostrara contrário às ações beligerantes dos Estados Unidos ao México em 1847, bem como, apesar de grande admirador da França, às agressões dessa última ao país mexicano em 1861 (Mix Rojas, 1991: 36)

²² Bilbao, Francisco. *Iniciativa de la América. Idea de un Congreso Federal de las Repúblicas* (1856). Extraído em 14/02/2013 desde <http://www.filosofia.org/aut/002/fbb1285.htm>.

português. Missão imprescindível - julgava o Conselheiro- em um momento delicado onde um declínio claudicante atingia a Itália, a Espanha e Portugal:

Quanto às nações europeias da família latina, eu não pressuponho que, neste meio, alguém tenha alguma dúvida sobre a nossa supremacia, nem sobre os deveres que precisamos cumprir em nossos interesses comuns. Nós somos notoriamente os chefes dessa família desde Luís XIV: nós não podemos recuar nem frente aos benefícios, nem frente os encargos de nossa posição²³.

A nação francesa deveria então cumprir seu importante papel de restauradora, ainda mais que, no além-mar americano, presenciava-se a ascensão inexorável das nações protestantes e da raça anglo-saxônica. Isto para não falar da cada vez mais incontornável presença dos eslavos na Europa, sentenciava Chevalier (1836: 12 e 15):

A França é depositária dos destinos de todas as nações do grupo latino nos dois continentes. Somente ela pode impedir que essa família inteira seja engolida pelos transbordamentos dos Germânicos ou Saxões e Eslavos (...) nós somos os, de toda a família latina, os melhores colocados, os únicos bem colocados, para assimilar estes progressos, modificando-os conforme as necessidades de nossa natureza. Nós somos cheios de energia, jamais a nossa inteligência foi tão aberta.

Antes de tudo, na América seria preciso uma atenção especial ao México, ameaçado diretamente pela expansão dos Estados Unidos. Chevalier publicara, em 1836, dois volumes intitulados *Lettres sur l'Amérique du Nord*. No início da obra, na sessão *Avis de l'Editeur*, é esclarecido que o relato fora traçado durante uma viagem pela América entre os fins do ano 1833 a 1835. O autor não teria apenas visitado os Estados Unidos, mas também "permaneceu durante vários meses na parte espanhola do Novo Mundo, no México e na ilha de Cuba." (Chevalier, 1836: 2-3) Na sua estada em terras americanas, o economista avaliara, entre outras coisas, a possibilidade de a França construir um canal interoceânico no Panamá. Parecer que influenciaria na posterior expedição mexicana.

Em termos teóricos, Chevalier alimenta um programa geográfico ideológico com vistas a justificar o expansionismo da França, não só às Américas, mas também ao Oriente. A Europa constituir-se-ia em três grupos raciais: um mundo latino-romano, que agregava os países e povos meridionais, sob a fé católica e as línguas de origem latina; um mundo anglo-germânico, com os países e povos do norte, sob a fé protestante; e um mundo eslavo na porção europeia oriental. A liderança respectiva desses três mundos recaía sobre a França, a Inglaterra e a Rússia. O ponto de virada em termos de preponderância dessas raças havia ocorrido em meados do século XVIII, quando as nações anglo-saxônicas alcançaram e tendiam a ultrapassar as nações latinas, infligindo derrotas à França e à Espanha. Igualmente a ascensão da Rússia, líder da raça eslava, vinha ameaçar a raça latina.

23 Chevalier, Michel. *Lettres sur l'Amérique du Nord*. (1836: 13-14) Extraído em 12/02/2013 desde <http://ia700300.us.archive.org/23/items/lettressurlameri01chevala/lettressurlameri01chevala.pdf>

Tal composição se reproduziria parcialmente na América, onde ao norte encontravam-se os anglo-saxões protestantes e ao sul os latinos católicos. Chevalier, porém, apresentava uma descrença em relação ao sul, pois enquanto os anglo-americanos continuariam o progresso característico da civilização a que pertenciam, os hispano-americanos não apresentavam um processo civilizatório à altura.

Chevalier trabalhava com elementos em voga na época, como o papel dos eslavos no mundo ocidental, essa terceira 'raça' que avançaria sobre a Europa latina e anglo-saxônica, e que mostrava sua força através do movimento pan-eslavo.²⁴ Os países anglo-saxônicos e os eslavos mantinham, segundo o conselheiro, comércio regular com a Ásia, sendo progressiva a exclusão dos latinos desse circuito. O México e a América do Sul poderiam ser um novo elo entre Oriente e Ocidente, reintroduzindo os latinos, sob a tutela e condução da França.

Assim, o panlatinismo emergia como ideário no cerne da política externa desenvolvida pelo Segundo Império francês (1852-1870), conduzida pelo golpista, presidente e depois imperador, Napoleão III – que permaneceu no poder governamental de 1848 a 1871. Internamente, o Segundo Império desenrola-se em uma fase de expansão da economia mundial, devida em grande parte à abundância monetária ocasionada pela descoberta de minas de ouro na Austrália e na Califórnia. Sob circunstâncias favoráveis, Napoleão III almeja modernizar a economia da nação; as vias férreas expandem-se aos limites do território, a navegação a vapor se desenvolve, uma companhia francesa conduz a realização do canal de Suez, inaugurado em 1869. (Renoouvin, 1994: 546-548).

24 O pan-eslavismo surge, sobretudo na Rússia, quase simultâneo ao panlatinismo francês, entre o fim da guerra da Criméia (1856) e a guerra russo-turca (1878). Elaborada por intelectuais eslavos, como tchecos e eslováquios, a noção sofrera influências da Revolução Francesa e da filosofia idealista alemã, sobretudo do filósofo e teólogo Johann Gottfried von Herder. O filósofo alemão era figura proeminente nas novas reflexões a propósito do surgimento das 'nações'. Essas últimas são concebidas, para Herder, como agentes históricos, dotados de espírito ou alma. Têm origem/nascimento e territórios delimitados a exemplo do corpo humano, bem como ciclos inexoráveis de vida ascendente e descendente. Na sua origem, o pan-eslavismo constitui-se como um movimento 'romântico' que propunha o reagrupamento dos povos eslavos, cuja condução seria feita, em geral, pela Rússia. Um dos principais ideólogos do pan-eslavismo, o russo N. I. Danilevski profetizava, em 1871, o 'inevitável' declínio da Europa ocidental materialista e o triunfo da Rússia e dos eslavos em uma guerra futura. No pan-eslavismo, os 'latinos' não apareciam com o inimigos diretos, antes, a Europa estaria dividida em dois mundos incompatíveis, o romano-germânico e o greco-eslavo. Os latinos e os anglo-saxões pertenceriam à mesma raiz cultural ocidental decadente, apesar do passado glorioso. A Rússia, líder do mundo greco-eslavo, deveria voltar-se à cultura eslava, promovendo a união espiritual dos seus povos, sem basear-se em modelos ocidentais. Os pan-eslavistas apostavam menos no caráter 'racial' dos eslavos e mais na homogeneidade cultural. Porém, o pan-eslavismo desenvolveu-se, em geral, de forma independente do aparelho estatal russo, ocorrendo mesmo choques entre os ideais dos pan-eslavistas e as estratégias governamentais russas. (Béjin, 1987: 407-409; Phelan, 1993: 470-472; Verdery, 2000)

As cidades se urbanizam, com uma diversificação social crescente, grandes greves operárias fazem sua estreia. A França torna-se um país industrial, com um setor agropecuário também estimulado, onde o comércio exterior se dinamiza e, mais do que isso, torna-se imprescindível à manutenção do crescimento de sua economia, vinculando-se, assim, às expectativas e objetivos no plano de estratégias políticas internacionais. Respondendo a esses imperativos, o Imperador segue os desígnios bonapartistas, ou seja, privilegia conquistas coloniais em terras longínquas.

Na Argélia pacificada, Napoleão III proclamou-se 'Imperador dos árabes'; expande-se ao Extremo Oriente, participa da abertura da China, se instala na Cochinchina (1859-1867), impõe um tutorado ao Camboja. Outro grande projeto delineia-se sob a perspectiva de conquistar uma zona de influência na América Central. Tratava-se de uma expedição ao México, empreendida em 1862, a qual estava imersa em uma intensa propaganda panlatina, que pode ser vista em *La revue des races latines*.

A revista fora fundada pelo propagandista do Segundo Império, Gabriel Hugelmann e chamava-se inicialmente *Revue espagnole et portugaise*, tendo sido editada em Paris entre 1857 e 1861, e destinada não só aos europeus, mas também aos 'latinos' da América, portugueses ou hispânicos. Defendia-se, na revista, que os anglo-saxões podiam ser superiores aos latinos no quesito de civilização 'material', mas os latinos eram dotados de uma cultura 'espiritual' mais elevada. (Phelan, 1993: 468-469) O tom panlatinista do periódico francês é afirmado em artigo publicado no seu primeiro número e assinado sob o nome de L. Ramus, mas de possível autoria de Hugelmann,

[...] a raça anglo-saxônica, nós sustentaremos e nós provaremos que a raça latina lhe é superior, e que as antigas colônias espanholas e portuguesas, hoje independentes, são chamadas a destinos mais brilhantes que aqueles dos Estados Unidos. Isso pode parecer um paradoxo hoje. Em dez anos, nós começaremos a nos persuadir que nós poderíamos ter razão. A raça anglo-saxônica, para nos servir de uma expressão vulgar, é uma raça que vive em seu limite – Londres e New York empalidecem já diante de Paris e Rio de Janeiro. Falta à raça anglo-saxônica... o objetivo religioso²⁵.

Napoleão III julga o ano de 1862 o momento apropriado para desembarcar suas tropas, comandadas pelo marechal Forey, no México para derrubar Juárez, dado, por um lado, à Guerra de Secessão norte-americana e, por outro lado, aos graves problemas internos mexicanos. O México encontrava-se no limiar de uma guerra civil, onde uma facção liberal no poder e uma facção católica conservadora na oposição digladiavam-se em meio a uma economia praticamente falida e fortemente inadimplente ao exterior. A França projeta inserir-se em território mexicano, em apoio à ala interna conservadora católica, através de uma coalizão dos maiores credores da dívida mexicana, a Espanha e Inglaterra. No momento da ação, frente à abdicação desses últimos dois países, o corpo expedicionário francês acaba agindo sozinho. O plano persistiu sob a justificativa da 'missão civilizadora', com o ensaio de consolidar uma monarquia regida pelo arquiduque austríaco Maximiliano, o qual se mantém no poder entre 1864 e 1867. (Rougerie, 1997: 706-717)

25 Citado por Romero (1998: 64)

A campanha militar francesa revelou -se um fracasso, com a vitória das forças liberais mexicanas em 1867, a execução de Maximiliano e dos generais mexicanos conservadores e ascensão ao poder, com a declaração da Segunda independência do México, de Benito Juárez. (Delamare, 1963: 96-98). Porém, a presença francesa, e também a significativa contrariedade dela advinda, contribuíram, de forma ambivalente, para a promoção, de um lado, da ideia de América 'Latina' com o projeto político de autonomia interna; por outro lado, do gênero interpretativo de 'latinidade' que pretendia preservar e restaurar a 'pureza da linhagem' da Europa meridional e latina no continente americano. Após a vitória mexicana, a resistência intelectual de parcela dos hispano-americanos à Europa se esvanece um tanto quanto, mesmo em relação à Espanha. No subcontinente sul americano, o panlatinismo manteve na subsequência muito do seu teor *antiyanqui*, mas assumiu um caráter mais secular e liberal em comparação com o viés católico e autoritário da época de Napoleão III.²⁶

Quanto à Espanha, a despeito de suas quase inviabilizadoras dificuldades na época, o país não abdica de tentar recriar, em novos termos pós -independência, os elos recíprocos em torno de conceitos em voga como 'raça', língua, religião, costumes e origens comuns com a América hispânica. Nesses aspectos, as iniciativas giravam em torno da consolidação do conceito 'hispanismo'. Produto de intelectuais espanhóis – a desencantada *Generación del 98* –, emergira ligado à decepção face ao desmoronamento final do império político espanhol, com a perda das suas últimas colônias na Guerra de Cuba em 1898. (Shaw, 1977) Frisa-se o 'destino espiritual comum' entre as duas margens do Atlântico, tenta-se substituir então o 'império político' pela noção de 'império espiritual'. Como coloca Miguel Rojas Mix (1991: 66),

para os intelectuais de então, a evidência mais importante de que a Espanha e América formavam uma mesma comunidade cultural era a que a ambas interessavam os valores do espírito por cima dos materiais e que para as duas eram mais importantes os objetivos da alma que os utilitários.

26 As nações germânicas, por sua vez, mostravam -se incomodadas pela influência francesa no continente sul americano e recomendam a estes países tomar cuidado ao seguir as ideias francesas. Em 1863 um certo Wappaens publica no *Journal des Savants* de Goettingen, "nós devemos antes de tudo desejar que os americanos do Sul reflitam seriamente, e que no lugar de seguir loucamente as teorias francesas, eles ensaiem de retornar à base de sua nacionalidade, quer dizer que eles ensaiem de chegar, não a um desenvolvimento latino, quer dizer neo-francês, mas a um desenvolvimento neo-espanhol(...).Mas para chegar a esse fim, eles não deveriam, entre outras coisas, escolher Paris para a instrução superior de seus jovens." Citado por Martinière (1982: 30). Em fins do século XIX, o pangermanismo começará a mostrar a sua potencialidade também em terras latino-americanas. Entre 1880 e 1914 se estabelecem numerosos 'Institutos Alemães' nessa porção do planeta, oficialmente voltados para objetivos científicos, mas que também atuavam para beneficiar a expansão comercial e econômica da Alemanha. O pangermanista Wilhelm Valentini expressa, em 1908, suas opiniões negativas sobre a América: "A raça latina fez até aqui prova de um gênio criador e cultural bastante limitado. É evidente que foi em zonas de povoamento alemão que tudo de importante se realizou, lá onde eles tiveram oportunidade de exercer sua influência benéfica." Citado por Blancpain, 1994: 267.

No ano de 1884, já havia sido fundada a *Unión Iberoamericana*, voltada justamente ao desenvolvimento das relações culturais do conjunto dessas nações. Em fins do século XIX, a Espanha promove Cristóvão Colombo à 'Grande Herói'. O Quarto Congresso Americanista, realizado no ano de 1881, em suas resoluções finais propusera que "os governos de todos os povos cultivados declarem 12 de outubro de 1892 uma festa e que se edifiquem monumentos, estátuas, museus, basílicas, placas comemorativas sobre as múltiplas etapas da vida do *Descubridor*."²⁷ Porém, será apenas em torno de 1915 que a imprensa começa a dar maior ênfase ao dia 12 de outubro, que se chamará agora *Día de la raza*²⁸.

Por fim, em meados de 1880, o uso do vocábulo 'latino' associado à América tornara-se cada vez mais corrente, tanto na América, quanto na Europa. Mesmo nos Estados Unidos, que empreendiam a defesa de outra concepção, o pan-americanismo, o conceito começa a ser empregado paulatinamente ao fim do século.²⁹ O conceito já adquirirá vida própria. Sintoma da época, a latinidade marcava a identificação maior de uma 'raça' e sua distribuição geopolítica.

A França e Itália frente ao conceito de latinidade

Em vésperas da Primeira Guerra Mundial, o conceito de 'latinidade' interpela na Europa uma questão mais premente, aquela de oposição ao germanismo, entendido como manifestação da barbárie. A França reivindica a condição latina e a defesa de uma cultura comum a fim de pressionar a Itália a romper com a Tríplice Aliança e a colaborar com a ação militar francesa. Após a guerra, ainda seria preciso, de acordo com o governo francês, que a França e a Itália, "irmãs latinas", construíssem juntas, sempre sobre as bases da latinidade, um sólido bloco político-econômico, a ponto de colocar um fim às ambições da Alemanha e evitar novas guerras.

Com vistas a esta congregação, lança-se na cidade de Florença, em maio de 1916, sob direção de Guglielmo Ferrero e Julien Luchaire, o periódico - editado em duas versões, italiano e francês - *Rivista delle nazioni latine* /Revue des nations latines. Folheto propagador da *latinità/latinité* como programa de ação política conjunta, adverte: "É um

27 Citado por Rodriguez, 1992: 24.

28 A expressão *raza española* como manifesto de defesa, por sua vez, já está presente desde 1840-1850, condizente com o momento em que os Estados Unidos lançam sua ofensiva ao oeste e ao sul, intervindo militarmente no México e dando mostras de ameaça à dominação espanhola em Cuba. Trata-se de promover a coesão do grupo em face do inimigo exterior. Da mesma forma, a revista lançada em Madrid poucos anos após a guerra franco-prussiana, *La raza latina*, se dispõe "a amar e defender os interesses dos povos latinos e católicos para resistir à invasão dos protestantes e germânicos. Citado por Rodriguez, 1992: 24.

29 Segundo Feres Jr. (2005: 51), "de acordo com o Oxford English Dictionary o termo "Latin America" somente começou a ser usado em inglês na última década do século 19. A primeira ocorrência anotada pelo dicionário data de 1890 e encontra-se no documento intitulado *Reciprocity Treaties with Latin America*, de autoria do presidente americano Benjamin Harrison."

fato universalmente conhecido que, durante e os últimos trinta anos, o elemento germânico ensaiou, como ele o havia feito anteriormente, a sua introdução em ampla escala e o seu enraizamento em todos os países latinos da Europa e da América." Para enfrentar tal situação, a revista propunha "a sólida união entre os povos latinos, notadamente entre a Itália e a França", com o objetivo de examinar "novas ideias de ação, de fazer apelo a novos modelos de intervenção e de organizações alternativas", formando uma verdadeira federação de povos latinos³⁰.

Afinal, refletiam os diretores, a própria causa da guerra poderia ser creditada ao declínio do espírito latino, esse dotado de um ideal de perfeição, contrário portanto, ao ideal da Alemanha, que é aquele de potência, gerador de caos. A predominância do gênio latino se fazia urgente com vistas a sanar a crise de valores estabelecida no momento. Em nome dessa urgência, pedia-se que a ideia de latinidade freasse os excessos de nacionalismos. Para tanto, na revista era dado crédito ao espírito criativo francês, enquanto matriz regeneradora. Nas palavras do italiano Corrado Barbagallo (1916: 382-383):

A França [...] o gênio literário e artístico do país, o seu apego às tradições nacionais, a sua hostilidade antigermânica, o culto da beleza e da elegância [...] operaram o milagre, único na história contemporânea, que somente a França restasse depositária do Paladino das tradições historiográficas latinas [...] Será através da França que nós italianos reencontraremos a nós mesmos.

Em breve, respondendo à conjuntura, veremos certo engajamento da América Latina na Primeira Guerra Mundial. Tal participação, é preciso ressaltar, permaneceu bastante limitada. Malgrado às incontestáveis pressões internacionais ou internas, a Argentina, o Chile, o México e o Paraguai observaram até 1918, a mais estrita neutralidade. Posição não isenta de críticas à época, como a formulada pelo embaixador italiano, Francesco Bianco (1920: 24): "Alguns países latino-americanos se limitaram à neutralidade, surdos ao grande movimento de ideias do continente." Já opinião e imprensa brasileiras comungaram com a causa da Tríplice Entente. Saúda-se a vitória no Marne e a contraofensiva dada à invasão da França.³¹ O Uruguai rompe relações com a Alemanha em outubro de 1917 e o dia do armistício é celebrado nesse país em proporções de festa nacional. A solidariedade com respeito à França é manifesta. (Marocco, 1986: 80) O renomado escritor uruguaio, José Enrique Rodó, criador da obra *Ariel*, exprime em 1916 sua solidariedade ao país francês, denominada por ele de "Grande Nação":

A consciência latino-americana não manteria coerência com suas tradições fundamentais, sua origem e sua educação, ela perderia o instinto de seus mais elevados interesses, se ela não se sentisse exaltada, nesta hora de incertezas, pela fraternidade em relação à Grande

30 Rivista delle nazioni latine/Revue des nations latines, 1916, n. 1: 1-3.

31 Bethell (2009: 298) ao dimensionar o quanto o Brasil vivia voltado para uma política de aproximação e de aliança com os Estados Unidos e alheio ao movimento e valores dos restantes países da América do Sul, explica: "Na Primeira Guerra Mundial, entre as repúblicas hispano-americanas mais importantes, só o Brasil seguiu os Estados Unidos e declarou guerra contra a Alemanha em 1917."

Nação, com quem ela divide a mesma raça e o mesmo espírito. Esta Nação que guarda para todos o prestígio de sua latinidade preeminente...³².

A representação da latinidade, enquanto pr emissa de um bloco político e econ ômico franco-italiano tornara-se, assim, em muitos aspectos, o resultado do um antigermanismo localizado no tempo. Uma vez a Primeira Guerra terminada, a ideia perde sua força. Em seu lugar, os desacordos nascidos no momento da paz assumem a dianteira. Nos anos vinte, as relações entre a França e a Itália se tencionam ainda mais – os antifascistas italianos, os *fuorusciti*, procuram refúgio na França, enquanto a mesma defende as jovens democracias da Europa oriental saídas da queda dos impérios centrais³³. A concorrência entre ambas na zona do Mediterrâneo era um fato, as reivindicações sobre a Tunísia e Córsega logo surgiriam. A própria *Rivista delle nazioni latine*, não encontrando mais financiamento necessário, finaliza suas atividades em 1918.

Nem tudo chegara ao fim, no entanto. Outra revista saía em Milão no mês de julho do mesmo ano de 1918, *L'idea latina*, dirigida por Giacomo Di Belsito, um redator do quotidiano *Popolo d'Italia*. De forma sintomática, o primeiro número surgia com um artigo assinado por Benedito Mussolini, com o título *Mentre crollano le bastiglie della prepotenza tedesca*, reprodução do discurso pronunciado pelo futuro ditador no *Politeama* de Gênova, em 14 de julho de 1918. Nele, as referências à nação francesa são elogiosas: "Nós devemos muito à França como homens, porque a França nós concedeu a maior tentativa de emancipação dos indivíduos e dos povos jamais vista antes"³⁴.

Porém, a relação começa a mudar já em 1919. No mês de maio desse mesmo ano, Mussolini escreve um artigo intitulado *Dedicato ai Francesi* no *Popolo d'Italia*, referindo-se ao problema da Dalmácia, "não só a amizade italo-francesa está em agonia, como já está por transmutar-se no sentimento antitético àquele da amizade"³⁵. Em dezembro de 1920, encerra-se a publicação de *L'idea latina*. Nos anos vinte, os nacionalistas vão apropriar-se da ideia de *latinità*, em novos termos, agora associado à *italianità*, ou seja à concepção nacional, recuperando para si um outro sentido de latinidade, esse vinculado à própria formação unitária da Itália. Ao procurar escrever a 'sua' história, a

32 Citado por Marocco, 1986: 80.

33 O êxodo dos fuorusciti à França começará já em 1920 -1921 antes mesmo da chegada ao poder de Mussolini, se intensificando de acordo com as ondulações da política repressiva italiana. Entre as personalidades que optaram pela França estavam Francesco Nitti, Giovanni Amendola, Gaetano Salvemini, Piero Gobetti, Giuseppe Donati, Pietro Nenni, Filippo Turati, Bruno Buozzi, em meio a uma nebulosa de militantes provenientes sobretudo do movimento operário. Paris se torna a capital do exílio antifascista italiano. (Groppo, 1996: 30-33)

Com base nos dados do Casellario politico centrale do Ministério do Interior italiano, Milza (1995: 224) calcula em aproximadamente 30 000 o número de exilados políticos italianos que estiveram na França no período do entre guerras.

34 Citado por Mastellone, 1981: 17.

35 Id.,Ib.

nova nação unificada pós-1870, associa a sua concepção de nação à latinidade de Roma, líder natural e histórica do novo território peninsular: *Roma caput mundi : romanità, latinità, italianità*. Roma, líder natural da *latinità* como um todo, de todos os povos latinos.

Mussolini dará um próximo passo, acrescentando um quarto com ponente associado à trilogia, o fascismo. No aniversário da fundação de Roma, em 21 de abril de 1922, Mussolini escreve em *Popolo d'Italia*, "celebrar o natal de Roma significa celebrar o nosso tipo de civilização latina, significa exaltar a nossa história e a nossa raça, significa apoiar-se firmemente no passado para melhor se lançar ao devir. Roma e Itália são de fato dois termos indissociáveis."³⁶ Da mesma forma, em setembro de 22, o teor do discurso proferido em Udine dava voz ao "espírito de Roma" e da Itália imperial. Quer dizer, era a Itália que deveria conduzir os povos latinos, ressuscitar a glória da *latinità*. Em definitivo, a *latinità* italiana era algo um tanto diverso da *latinité* francesa.

Latinidade italiana na época do fascismo: os anos vinte

Com a ascensão de Mussolini ao governo de Estado, mais uma vez a Itália visualiza em terras latino-americanas possíveis e imprescindíveis mercados comerciais e influências político-culturais, agora, porém através da reativação do conceito de panlatinismo. O Brasil estava explicitamente incluído nesta política pela Itália, que não dimensionava até onde ou não essa nação se identificava com o vocábulo ou com a corrente geoeconômica. No entanto, a França deveria ser sumariamente excluída deste projeto, onde a liderança passaria a ser exercida pela nação italiana.

A Itália, através de toda uma mobilização acadêmica, que resultará em extensa produção textual, manifesta em revistas, livros, panfletos, jornais, boletins, etc., reivindica para si a concepção originária do 'povo latino', da 'raça latina'. Passa-se à defesa do 'direito sagrado e indivisível' da Itália a propósito da latinidade: o *Primato*. Ora, argumentam os italianos, a latinidade só existe e só mostrou sua força de sobrevivência milenar em função do seu berço e sangue de origem, Roma, a 'grandiosa'. Logo, todos os latinos do mundo seriam, antes, romanos, sendo natural que a líder-mãe da 'raça' fosse a Itália, a representante mais próxima e por direito da civilização romana. Mussolini retomava a metáfora de *Roma caput mundi*. Um primeiro passo estratégico é dado em direção aos 'italianos partidos ao exterior', na expectativa de aproximação com sua comunidade espalhada pelo mundo. Um dos sentidos que *italianità* assumira nessa época é explicitado pelo historiador Emílio Gentile (1986: 355),

o termo *italianità* foi adotado pelo nacionalismo e pelo fascismo, não apenas para designar a inclusão, através da cidadania, no estado italiano, como também, em uma acepção que pretendia ser politicamente mais acentuada. Ela deveria indicar o sentimento e a consciência de pertencer à nação italiana e exaltar a vontade, em meio aos italianos que viviam fora da Itália, de preservar na sucessão de gerações, os vínculos de língua, de cultura, de interesses e de afeição com a nação de origem.

A Itália de Mussolini, porém, ambicionava algo maior, passos mais retumbantes. Para além da *italianità*, o novo regime instituído na península lançava-se na campanha da *latinità*, buscando envolver, assim, não só seus compatriotas de além-mar e sim, todos os latinos. Tratava-se de assumir a posição eminente entre as nações 'latinas'. Ao comparar as conquistas anteriores de determinados países europeus na América Latina, em especial, a França, com sua própria falta de desenvolvimento no passado, a Itália vai responsabilizar severamente o fraco senso de oportunidade dos governos liberais italianos precedentes.

A despeito das vantagens que a Península transalpina possuiria, sobretudo, na porção sul da América Latina, como sua forte comunidade étnica, os governos anteriores teriam permitido, sem quase oposição, que a nação francesa se impusesse como modelo cultural por excelência no continente 'latino'. Tais governos liberais seriam então responsáveis por deixado nascer, em meio aos latino-americanos, uma tradição de receptividade ao magistério moral da França e não da Itália.

De fato, observavam os italianos, eram a língua francesa, as ideias políticas, sociais e filosóficas francesas, a literatura francesa que se mostravam bem conhecidas pela elite intelectual crioula e, de mais, praticadas com fervor. Poetas, escritores, educadores latino-americanos vinham à França buscar inspiração, consagração e tribuna. Falava-se de *francisation* e *franco mania* na América Latina. Quanto ao Brasil, a percepção deste "triumfal fenômeno" já era, aliás, anunciada pelos italianos em fins do século XIX, como demonstra os comentários feitos por Filippo Ugolotti em sua obra *Italia e Italiani in Brasile: note e appunti* (1897: 31), onde o autor relata sua permanência por três anos nesse país: "Os brasileiros são todos mais ou menos impregnados, e eles cresceram na admiração de tudo o que é francês, uma admiração que para alguns beira ao fetichismo." E o que mais desagradava Ugolotti era o fato de que os jornais brasileiros estariam baseando seu noticiário nas informações obtidas em periódicos franceses. Em consequência, avaliava o italiano, todos os julgamentos negativos e visões desfavoráveis a propósito da Itália dados pela França terminavam por corromper a alma brasileira. A cultura italiana, ao contrário, se permearia no subcontinente com muita dificuldade.

Por sua vez, já nos anos vinte, o italiano Luigi Incisa (1925: 262-263), se referindo ao Brasil, declara "ainda que um dos maiores pensadores da independência brasileira, Libero Badarò, tivesse ascendência italiana e que muitos outros de nossos concidadãos tenham se mostrado ilustres no domínio das ciências e das letras, a influência cultural italiana neste país é ainda mínima".

Não faltavam, por outro lado, vozes dissonantes entre os latino-americanos que relativizavam a matriz cultural francesa, dando esperanças à Itália. O escritor argentino Manuel Ugarte (1910: 61), por exemplo, endereçava reprovações ao que considerava como a tirania intelectual generalizada de Paris, "a América meridional se entregou à França com a ingenuidade de uma virgem." Mais tarde, Ugarte, enquanto colaborador da revista italiana *Colombo*, lança no primeiro número do periódico publicado em 1926, a seguinte interrogação:

Por que não ocorre ao espírito da juventude latino-americana vir à Itália beber diretamente na fonte *da latinità*? Fala-se sempre de relações comerciais, de emigração numerosa. [...] Mas nunca é lembrado o fluxo de ideias, de manifestações artísticas, de civilidade que aportou e que ainda aporta ao Novo Mundo a extraordinária Itália. Por qual razão a Itália, superior por sua irradiação universal, não vê na América um campo aberto à ação de seus filhos? Por que ela não estende ao outro lado do Oceano, o tesouro inesgotável de seu gênio?³⁷.

Ao mesmo tempo, a Itália constatava o evidente recuo comercial e cultural da França decorrente da Primeira Guerra Mundial. Tanto que o governo italiano pressupunha poder tirar proveito dessa situação e avançar em campo latino-americano. Assim, nesses anos vinte, intenções e iniciativas voltadas para a América Latina são progressivamente idealizadas e implementadas pelo regime fascista italiano, obedecendo, porém, uma colossal distância entre o projetado e o realmente realizado³⁸.

Destas proposições, algumas eventualmente obtiveram resultados positivos, sobretudo se comparadas às parcas ações dos governos italianos anteriores. No frescor do regime, tudo parecia possível aos seus planejadores. Tratava-se antes de uma questão de espírito empreendedor, de perseverança, onde o objetivo constituía-se em recuperar os atrasos históricos, através da adoção de meios performáticos.

Para a lógica fascista, a *latinità* do subcontinente apresentava-se como um fato dado e irreversível, devendo naturalmente ser percorrida e explorada, a fim de desvendar o que esta identidade comum continha enquanto critério de aproximação. Segue-se então à consideração de que, na América Latina, seria preciso avançar mediante informações mais exatas; construir sobre bases mais racionais. A disposição em conhecer o subcontinente veiculando pesquisas antes de agir se impõe. Julga-se necessário dispor de esclarecimentos cartográficos, de análises das estruturas de poderes locais, de uma compreensão aprofundada da vida econômica, de subsídios dos meandros culturais³⁹.

37 Colombo, fasc. I, junho 1926: 91. As posições de Manuel Ugarte, contrárias também à forte ingerência dos Estados Unidos no continente latino-americano, mereceram elogios do italiano Mario Puccini (La nuova e la vecchia America. In: Rivista d'Italia e d'America, anno III, dez. 1925: 66): «Convém recordar a tenaz campanha conduzida contra a supremacia do Norte por alguns escritores do Sul: em primeiro lugar, o argentino Manuel Ugarte. Há anos, Ugarte se bate nas revistas e nos jornais da França, da Espanha e da América para livrar absolutamente a América espanhola de toda a influência e infiltração nórdica.»

38 Para um estudo das relações internacionais entre a Itália e a América latina, com enfoque sobre as estratégias de inserção da Itália em relação ao continente sul-americano, ver: Brandalise, Carla. (2005); ainda segundo Finchenstein (2010: 147), "durante los primeros años del fascismo, en especial durante la década de 1920, algunos de los viajeros fascistas que cruzaban el Atlántico tenían la misión de arraigar y consolidar los designios de Mussolini para Argentina y América Latina...El primer movimiento para "la acción intelectual y espiritual fascista" fue "exportación" de intelectuales partidarios del régimen en que debían establecer un contacto directo con la "vida y la conciencia" de países latinos."

39 De acordo com Trento (2008: 106) "Nos vinte anos, entre as duas guerras, registrou-se na Itália um interesse pela América Latina... Muitas das temáticas em questão foram abordadas também aproveitando-se tanto de nomes relevantes quanto de autores iniciantes e que se valeu

O impulso vem essencialmente do Estado, o qual espera intervir para eliminar o torpor e estimular os empreendimentos. E para direcionar uma obra tão ambiciosa, o governo planeja uma intervenção estatal eficiente. As formulações políticas e a gestão adequada dos meios materiais alocados deveriam ser enquadradas pela administração central do Estado, com o apoio de um espectro empresarial supostamente ativo. A Península quer enfim submeter seus possíveis recursos disponíveis às virtudes da regulamentação, que corrigiria os defeitos e as naturais tendências dispersivas.

Em termos práticos, a Itália fascista pensa em oportunizar a aproximação política que vinha sendo anunciada com a ditadura espanhola do general Miguel Primo de Rivera. Ao levar em consideração a posição, julgada privilegiada, que a Espanha deveria dispor junto às nações americanas de língua hispânica, o *Duce* intencionava promover acordos espanhol-italianos destinados a fazer progredir a influência política e econômica da Itália no ultramar. A proposta de acordo se estenderia também a Portugal, e em seguida ao Brasil, a fim de criar uma "união cultural", sob a justificativa de que

a importância dos valores espirituais comuns entre os países latinos precede e ao mesmo tempo avaliza todas as formas sucessivas de relações. E a figura espiritual que liga essencialmente o mundo ibérico à Itália é aquela de Cristóvão Colombo. A Espanha lhe concedeu a confiança e os meios de conduzir sua façanha. O ato de nascimento da América nos mostra que a Itália e a Espanha, entrelaçadas, sustentaram o novo continente na sua fonte de batismo⁴⁰.

A conclusão de pactos de amizade e de tratados de comércio entre a Espanha e a Itália abriria "uma colaboração no vasto campo de interesses que os dois Estados dividem no que diz respeito às repúblicas sul-americanas. O tratado que permite à Itália se aproximar mais intimamente da Espanha, fará que a ação dos dois povos torne-se fecunda em resultados."⁴¹ A boa vontade inicial da Espanha é, no mesmo grau, visível. Rivera almeja dar a seu país um peso suplementar na cena internacional. Por ocasião de uma visita a Roma, em novembro de 1923, o general espanhol declara, rememorando sua própria tomada de poder, que o exemplo de Mussolini "foi a preparação do ambiente, a eletrificação da atmosfera", e ele acrescenta que o *Duce* "permanece sempre o guia da Espanha na via da reconstrução, do progresso e da ordem."⁴² Um projeto de maior monta entre os dois países estava para ser lançado, o

muito mais, se comparada ao passado, da categoria dos jornalistas, que percorreram com certa frequência, as Américas."

40 Prefazione. In: *Annuario d'Italia et dell'America Latina*. Roma: Istituto Cristoforo Colombo, 1930: 03

41 *Collaborazione Italo-spagnola nell'America Latina*. In: *Le Vie de l'Italie et de l'Amérique Latine*, nº 10, oct. 1926: 1215

42 Citado por Milza (1991: 248). Uma das primeiras convergências que aproxima a Itália e a Espanha em 1925 é representada por um consentimento comum sobre a organização de uma tutela mútua e recíproca em relação a seus concidadãos durante as viagens marítimas de ida e volta entre os dois países e o Novo Mundo. A proposta já havia sido lançada na 'Conferência Internacional sobre Emigração e Imigração' ocorrida em Roma, em maio de 1924. Uma proposição estabelecia que os dois governos deviam se engajar em assegurar aos cidadãos dos dois países,

Istituto Cristoforo Colom bo. A princípio, as perspectivas mostravam-se, na visão do governo italiano, relativamente positivas.

Istituto Cristoforo Colombo e a panlatinidade italiana

Em meio ao embate entre as nações por 'espaço vital' no subcontinente, a Itália procura a eficácia através, entre outras medidas, da organização de um instituto que centralizaria as ações e concepções estratégicas voltadas às perspectivas de inserção na América Latina. Projeta-se assim, enquanto foco de irradiação da 'panlatinidade' italiana, o *Istituto Cristoforo Colom bo*. O novo órgão deveria refletir as tentativas de aproximação com Espanha, Portugal e nações latino-americanas convidadas a organizar coletivamente o Instituto. O professor italiano Luigi Bacci, destacado membro do Instituto, irá definir o caráter e os propósitos do mesmo:

Sua fundação constitui um dever de *italianità*; ele irá encorajar uma cooperação eficaz para que a civilização latina não seja considerada como o mero símbolo ou a simples expressão de retórica; antes, seja percebida como uma grande força de expansão, colocada a serviço dos interesses que a Itália já possui e pretende desenvolver com mais vigor com a Espanha, Portugal e, mais particularmente, com os países latino-americanos. Entre a Itália, a península Ibérica e estes povos longínquos que pertencem a nossa raça, é preciso novas e mais sólidas amarras. Entre a Itália e todos estes países, não subsiste nenhum desacordo, não existe e nem pode existir nenhuma desconfiança⁴³.

O Instituto começa suas atividades em março de 1924, apresentando-se como um estabelecimento voltado à difusão de um programa orgânico, síntese do pensamento dos países diretamente concernidos, quer dizer, a Itália, a Espanha, Portugal e as nações latino-americanas⁴⁴. Espanha e Portugal se fazem representar através de seus membros diplomáticos creditados junto à corte do rei da Itália. Circulares são despachadas aos países latino-americanos. Os diplomatas espanhóis, Ojeda no Peru e Padilha na Venezuela estão entre os que fazem saber da acolhida favorável ao Instituto⁴⁵. (Lerma, 1989: 276) A efetiva participação dos membros ibéricos e das nações da América Latina na nova organização, porém, irá se revelar fraca ou falaciosa,

que emigravam ou que se repatriavam em seus transatlânticos, uma mesma proteção, assistência médica e jurídica. Ver: L'accordo italo-spagnolo per l'assistenza agli emigranti. In: Rivista d'Italia e d'America, dez. 1925.

43 Bacci, Luigi. L'attività dell'Istituto Cristoforo Colombo. In: Colombo, fasc. V, set. 1927: 223.

44 Uma outra associação nomeada igualmente Instituto Cristoforo Colombo, sem relação com o segundo Instituto, mas da mesma forma voltada aos emigrados italianos, foi fundada na segunda metade do século XIX por Monsignore Scalabrini, com o objetivo de « ajudar a manter vivo no coração dos italianos a fé católica e, ao mesmo tempo, o sentimento de nacionalidade e de afeição pela Madre Patria». Citado por Macola, 1894: 15.

45. Segundo Sánchez (1995: 137): « Esse aspecto das relações entre os dois países [Espanha e Itália] é bastante desconhecido; entretanto, ele é muito importante; essas relações se desenvolveram em torno dos interesses que o governo fascista mantinha essencialmente em matéria de política e economia na América hispânica. »

seja por falta de interesse ou de recursos , seja porque a nação italiana assume a dianteira de forma contundente. É a Itália que dará sentido e interpretação ao Instituto.

A Itália, a *madre di tutta gente latina* , quer praticar uma ativa propaganda intelectual, artística, científica e econômica personificada através do Instituto. Importantes personagens do regime estarão presentes. O Presidente honorário será Benedito Mussolini, seu vice-presidente, Giorgio Guglielmi De Vulci. Como presidente do Conselho Deliberativo, Amadeo Giannini; sendo secretário geral, Luigi Bacci. Entre os 43 conselheiros, encontravam Giuseppe Botai, Giuseppe De Michelis, Giorgio Del Vecchio, Giovanni Giuriati, Ciro Trabalza.⁴⁶

Segundo sua normatização, o Instituto não seria uma organização de caráter puramente público, na medida em que interagiria com o setor privado. Da mesma forma, promoveria a colaboração entre os Estados associados, as coletividades emigradas desses últimos e indivíduos diretamente interessados. O que acontece de fato é que a Itália acaba por oferecer a sede social, formula os principais projetos e fornece praticamente todo o capital.

A Espanha coopera colocando à disposição seu corpo de diplomatas e favorecendo a difusão dos ideais do Instituto através de suas embaixadas e legações na América Latina. No entanto, o nítido recuo da Espanha nesse continente já havia sido notado pelos representantes italianos, como se observa na advertência feita pelo adido comercial lotado no Chile, Tommaso Mancini. Em 1924, ele adverte sobre a inutilidade e os malefícios que representaria supervalorizar a influência do país espanhol na América hispânica,

o pior de tudo seria a ilusão que a aproximação ítalo-espanhola possa nos dissuadir de colocar em obra nossa própria propaganda na América, sendo esta propaganda uma necessidade maior. O erro seria acreditar que a aproximação por ela mesma tornaria para nós o ambiente mais propício. [...] A Espanha não pode repousar na certeza de dispor de um domínio que, se um dia existiu, é hoje em dia asperamente disputado por outros povos, não em virtude do sangue ou de um passado comum, mas por habilidades expansionistas; estes povos concorrentes esquadriham o terreno e triunfam sobre os países mais fracos e ingênuos⁴⁷.

Quanto a Portugal, sua participação se faz de tempos em tempos, estando em meio a graves dificuldades econômicas, com o Tesouro à beira da falência e prejudicada pelo escasso valor de mercado de seus produtos agrícolas. Além disso, o país português se encontra internamente em convulsão devido às agitações operárias e problemas políticos, acontecimentos que levarão finalmente ao *putsch* militar de maio de 1926, conduzido pelo general Gomes da Costa. (Milza, 1991: 250) Portugal não conseguirá manter mais do que um frágil vínculo com o Instituto.

Os países latino-americanos, de sua parte, exercerão em geral o papel de receptores das iniciativas ítalo-espanholas. A Argentina será a mais presente. De qualquer forma, a

46 Colombo, fasc. I, junho 1926: 01.

47Mancini, 1924: 15.

Espanha, com o governo Rivera, frente às dificuldades militares no Marrocos e às agitações separatistas da Catalunha, não terá a impulsão necessária para restabelecer ou aumentar sua influência na América hispânica, nem poderá se aventurar na possível construção de uma política comum com a Itália. Concedendo um esforço de participação mínimo, o país espanhol segue o impulso italiano, esperando obter algum benefício. Porém, essas mesmas tensões que a Espanha enfrenta o levam a antagonizar a França e procurar na Itália uma aliada.

Na verdade, a ambição de criar o Instituto já se manifestara na Itália antes mesmo do golpe de estado do general Rivera, mas o último governo constitucional espanhol não respondera à proposição com grande entusiasmo. E isto basicamente por duas razões: em primeiro lugar, os espanhóis haviam constatado, em enquete prévia efetuada nos países latino-americanos, que estes últimos não demonstraram grande interesse pela iniciativa italiana; em segundo lugar, o governo espanhol manifestou estranheza e insatisfação ao fato do projeto excluir a França, a qual nessas condições passaria a ser o único país 'latino' sem representação no Instituto. Como exemplo dos entraves preliminares, sublinhavam os espanhóis, o governo argentino se posicionara contra o ostracismo da França.

A posição da Espanha altera-se com o advento de Rivera na estrutura governamental. Ao proclamar encerrado o governo parlamentar-constitucional espanhol da restauração, vigente desde 1875, com um golpe de estado em 13 de setembro de 1923, Rivera instaura, sob o apoio do rei Afonso XIII e dos militares, um regime de exceção, propício às relações governamentais com o regime de Mussolini. Rivera fora saudado pelas correntes conservadoras como o salvador da Espanha tradicional, com sua retórica de dedicação à pátria e à religião, onde a 'raça espanhola' para cumprir sua missão histórica deveria basear suas ações em uma sólida moral cristã. Seu governo se manterá até 1930. (Lerma, 1989: 269-278).

Por outro lado, as expectativas do governo Rivera em associar-se com Mussolini submergiam nos problemas vivenciados pela Espanha. Nos primeiros trinta anos do século XX, o país enfrentou distúrbios no território marroquino, que lhe fora atribuído na partilha colonial e que concentrou os esforços da política exterior espanhola no período. Rivera também não se mostrou apto a reverter o período de profunda crise estrutural que marcou o reino de Afonso XIII (1902-1931).

A guerra contra tribos marroquinas, tradicionalmente belicosas, afeta sem piedade os recursos humanos e materiais de Espanha, reverberando negativamente sobre todos os outros óbices internos. Ao mesmo tempo, frustra os planos espanhóis de recuperar alguma presença colonial de importância no concerto internacional. No norte da África, a Espanha esbarra nos interesses da França, que assumia paulatinamente uma posição hegemônica nas mediações dessa porção africana. Governo e opinião pública espanhóis reagiam, com um sentimento de impotência e de orgulho nacional abalado, a esse papel subalterno que a França delegava à Espanha. Nesse cenário,

a França é, sem dúvida, a potência rival(...)a expandir na sociedade espanhola um sentimento francofóbico, que no começo dos anos vinte atinge características verdadeiramente profundas (Sueiro, 1993: 15).

Ressentimento esse que aum enta significativamente por ocasião do governo Rivera, o qual insiste através da busca de apoios internacionais em recuperar espaços no norte africano. A Inglaterra, mesmo interessada em não corroborar um avanço maior da França na área mediterrânea, sobretudo nessa importante passagem de comunicação marítima, no entorno do estreito de Gibraltar, prefere manter o 'Entendimento cordial', o '*status quo*', que nos anos vinte regia as relações entre franceses e ingleses. Frente ao apoio reduzido da Inglaterra, resta à Espanha voltar-se para à Itália. De acordo com Sueiro (1993: 16),

nos anos vinte, a Itália representava para a Espanha a possibilidade de desestabilizar um *status quo* onde sua margem de manobra era francamente reduzida. A aliança com a Itália constituía, e assim afirmava o rei Alfonso XIII –que iria tornar-se um dos seus principais defensores– uma audaciosa combinação política que poderia fazer da Espanha uma potência militar e naval muito mais importante.

Da mesma forma, a Itália almejava expandir-se na zona mediterrânea, com o que tinha igual interesse em pedir a revisão dos tratados sobre o Marrocos e, mesmo, a rediscussão internacional sobre o norte da África. No entanto, para decepção da Itália – Mussolini falava na "incurável *gallomania* da Espanha"⁴⁸ –, o governo espanhol não era realmente capaz de superar suas dependências vis-à-vis à França. O país espanhol mantinha intensas relações comerciais e financeiras com a nação francesa no período, do mesmo modo que mantinha, apesar de tudo, a aliança com a França em relação ao Marrocos, com vistas em lidar com as resistências internas do país africano. Após uma campanha militar conjunta franco-espanhola, chega-se a uma vitória em território marroquino nos anos de 1925-1926.

Por outro lado, em relação à América Latina, a Espanha não perdera a esperança de minimizar o seu 'desaparecimento' no subcontinente do além-mar. Vinha realizando esforços para tanto. As comemorações envolvendo a data '12 de outubro', agora denominada dia da "Festa da Raça", tornam-se mais frequentes já em meados dos anos 1910, sob a exaltação da hispano-americanidade. Realizam-se em Madrid, Granada, Alicante, Cádiz, com apoio oficial. Em 1914 o termo *Madre Patria* recebe seu verbete no *Diccionario de la Real Academia Española*.

Nesses mesmos anos, defende-se que, além da promoção cultural, era preciso ir além do nível simbólico, investindo em medidas pragmáticas em termos econômicos e comerciais, com melhoria de linhas de transporte, feiras de exposição de mercadorias, taxas fiscais atraentes, instalações de centros de formação para os emigrados espanhóis na América. Ou seja, desenvolver um "programa americanista", proposto em várias obras, como a de Rafael Altamira, a mais conhecida, e lançada em 1917 em Madrid, sob o título *España y el programa americanista*. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a Espanha ainda almeja recuperar algum espaço na América, deixado pela exaustão de potências europeias, como a França. Defende-se mesmo a concepção de 'pan-hispanismo', dado que o *Dia da Raça* passara a ser comemorado em países americanos, como no México e Argentina, em 1915. No ano de 1917, o novo presidente

48 Citado por Sueiro (1993: 16).

da Argentina, Hipólito Yrigoyen, declara com o festa oficial e feriado nacional, o 12 de outubro. Por fim, em 1918, o presidente Antonio Moura oficializa na Espanha, por um Real Decreto, a data.

Logística do Instituto Cristóforo Colombo

Na prática, e contato sobre o apoio quase que isolado do governo italiano, o novo Instituto pretendeu reunir todo o gênero de informações sobre os países latino-americanos; promoveu viagens de negócios, missões de investigação e de estudos. Estabeleceu concursos e premiações a trabalhos referentes ao subcontinente; financiou a permuta de professores, alunos, pesquisadores e artistas.⁴⁹ Numerosas obras são publicadas, com o monografias ilustradas, de caráter geopolítico e econômico sobre nações latino-americanas, escritas fundamentalmente por italianos⁵⁰.

A mais visível publicação do Instituto será a revista bimestral denominada *Colombo*, fundada em 1926 e que aparecerá até 1930. Dirigida por Luigi Bacci e redigida em italiano, espanhol e português, o periódico se apresenta com o "a revista dos fatos italianos e latino-americanos". Nela figura vários artigos de nomes destacados do mundo literário, artístico, científico e político do momento, a exemplo do escritor Arturo Farinelli, membro da *Reale Accademia d'Italia*; de Vittorio Emanuele Orlando, o qual havia percorrido a Argentina e o Brasil no imediato pós-Primeira Guerra; do filósofo Giovanni Gentile; do historiador oficial do regime Gioacchino Volpe; do jornalista e escritor Luigi Federzoni⁵¹.

A revista *Colombo* pretendia "ser o órgão de conexão entre as jovens nações da América Latina, a Espanha, Portugal e a grande *Madre Italia*", e tinha por objetivo promover a divulgação, até a mais longínqua região do Novo Mundo, "do progresso que a Itália realiza em cada setor da atividade humana."⁵² Benito Mussolini escreve o

49As disposições estatutárias pormenorizavam os interesses de cada país-membro. No que dizia respeito à Itália, o Instituto deveria "desenvolver pesquisas e programar todas as iniciativas diretas a fim de estabelecer as mais amplas relações econômicas entre a Itália e os países latino-americanos; promover a constituição e a fomentação de organismos e sociedades que tenham por objetivo favorecer e expandir as trocas comerciais entre a Itália e esses países latino-americanos.» Com esta finalidade, o 'Instituto de Crédito Italia no' foi o principal estabelecimento encarregado de dinamizar as exportações italianas. Citado na revista *Colombo*, fasc.II, agosto 1926: 159.

50A coleção de obras referentes a essa temática publicada pelo Instituto na década de 1920 compreendiam, entre outras: Blais, Valeria. Nicarágua; Borghi, Giulio. Colômbia; Gallegari, G.V. México; Cumin, Gustavo. Il Perù; Lantini, Pietro. Guatemala; Mori, Mario. San Domingo; Morini, Armando. Venezuela; Ninni, Alessandro. Chile; Quarta, Oronzo. Costa Rica; Riccardi, Ricardo. Equador. Ver: *Colombo*, fasc.V, set. 1927: 256-257.

51 Nos sumários da revista *Colombo* encontra-se, por exemplo: Farinelli, Arturo. Ritorno a Figaro: 14-18; e Orlando, Vittorio Emanuele. Sulla Costituzione argentina: 8; Giurati, Giovanni. Tradizioni d'italianità nell'America latina: 4-5. In: *Colombo*, fasc.I, junho 1926.

52 Giannini, Amadeo. Proêmio. In: *Colombo*, fasc.I, junho 1926: 1-2.

prefácio do primeiro número de *Colombo*, anunciando o caráter e as perspectivas da revista:

Eu estou satisfeito de agregar meu nome à primeira página dessa revista que o *Istituto Cristoforo Colombo* – do qual eu sou o presidente honorário – consagra ao estudo dos povos ibero-latino-americanos, para reafirmar, graças a um mais profundo conhecimento mútuo, suas relações com a Itália. Desde que eu assumi o governo da Itália, eu enviei mensagens aos italianos que vivem na América e aos países que lhes acolhem. Após quatro anos, minhas esperanças não mudaram. As relações envolvendo a Itália e os povos ibéricos e latino-americanos são fecundadas cotidianamente pela fé e pelo trabalho tenaz desses italianos partidos para a América Latina⁵³.

Paralelamente às suas atividades editoriais, o Instituto buscava organizar comitês representando cada país associado. Tais comitês promoveriam as relações recíprocas. Entre outras tarefas, eles deveriam fundar e/ou dinamizar as 'Câmaras de Comércio e Indústria'. Em 1926 é criado o Comitê ítalo-brasileiro, do qual participam as autoridades diplomáticas brasileiras presentes na Itália e outras personalidades que testemunham a respeito do Brasil, interesses variados. Nos mesmos moldes, o Comitê ítalo-peruano e o Comitê ítalo-boliviano foram estabelecidos logo em seguida.

O Instituto também esteve envolvido, direta ou indiretamente, no planejamento e produção de acontecimentos significativos com vistas a envolver a América Latina. Neste quadro, a Itália envia seu príncipe-herdeiro, Humberto de Saboia ao subcontinente em meados de 1924.⁵⁴ O cruzeiro passa por Argentina, Chile, Uruguai. A parada no Brasil foi cancelada devido a distúrbios internos em que o país vivia no momento. A imprensa da América meridional ecoa essa visita considerada prestigiosa.⁵⁵ Entre fevereiro e outubro de 1924, pela primeira vez uma 'feira-exposição' flutuante, com a *Nave Italia*, percorre vários países da América Latina⁵⁶.

53 Mussolini, Benedito. *Messaggio*. In: *Colombo*, fasc. I, junho 19 26: 3. Em homenagem, um pré-fascículo de *Colombo* fora lançado em 21 de abril de 1926, o 'Natal de Roma', data sagrada de "todos os povos latinos".

54 Segundo Amadasi, A. (La crociera di S.A.R. il principe ereditario nell'America Latina. In: *Le Vie d'Italia e dell'America Latina*, nº 3, março 1925: 263), "vejam no filho do Rei, toda uma Pátria que se desloca além-mar, orientando seu olhar em direção ao reconhecimento e à admiração que merecem a energia e a fidelidade já provada de todos os seus filhos. Eis o filho do rei que passa de uma borda a outra para afirmar a superbíssima potência atual da Itália, e permutar gestos e vínculos de amor com seus distantes súditos".

55 A revista *Plus Ultra* da capital argentina, por exemplo, publica uma edição extra consagrada à estadia de Humberto de Savóia, "a visita do príncipe nos ofereceu a ocasião de demonstrar ao ilustre representante do povo, do governo e da família real da Itália, nossa firme simpatia, fruto natural do profundo vínculo de sangue, de cultura e dos interesses que unem os italianos e os argentinos". *Plus Ultra*: S.A.R. Umberto di Savoia – principe di Piemonte nell'America Latina. Buenos Aires, set. 1924: 01.

56 Segundo Emilio Gentile (1986: 379): "Desde os primeiros tempos que se seguiram a sua conquista do poder, o fascismo manifestou um interesse especial pela Argentina(...)Mas, a primeira aproximação importante e direta do problema de emigração e da italianità na Argentina teve lugar durante o cruzeiro da *Nave Italia* na América do Sul." Sobre os resultados do Cruzeiro da *Nave*

Finaliza-se, no início de 1925, a construção de um cabo telegráfico submarino ao longo do Atlântico ligando a Itália aos Estados Unidos, considerado pelo regime fascista um marco de independência e autonomia em suas comunicações com as Américas, até então feitas via cabos telegráficos de outras potências, em especial Inglaterra e França. Em outubro de 1925, finaliza-se a ligação por cabo 'Anzio- Buenos Aires'.⁵⁷ Da mesma forma, ensaia-se reformular a precária rede de embaixadas e consulados presentes no subcontinente, com o envio de diplomatas 'engajados' na política do novo regime. Promove-se, em 1927, o voo inédito do coronel Francesco De Pinedo, onde os avanços da aviação italiana são demonstrados em forma de espetáculo. O percurso empreendeu a seguinte rota: Itália- Buenos Aires; Buenos Aires-Nova York; Nova York-Itália⁵⁸.

Como princípios de propaganda e promoção, cidades-símbolos são escolhidas como centros de irradiação da 'cultura e do espírito latinos'. Gênova, sobretudo, aparece como destaque, enquanto lugar de partida última dos emigrados para as Américas. Prega-se que a inserção econômica e populacional da Itália na América do Sul teria passado por Gênova, sob a impulsão de seu centro industrial e financeiro e do desenvolvimento de seu porto. O discurso de Benito Mussolini pronunciado no 'Instituto Universitário de São Marino', em 24 de maio de 1926, é indicativo,

esperamos que Gênova desempenhe um papel particular nas relações culturais entre a Itália e os Estados latino-americanos, lançando assim as bases de uma ação que pouco a pouco se concretizará⁵⁹.

Proclama-se a redescoberta do verdadeiro destino dessa cidade, prognosticada a se tornar mais uma vez tão poderosa quanto fora no passado, a dar continuidade "à nobre e gloriosa tradição das antigas repúblicas italianas do Medievo". O deputado Eugênio Broccardi afirma no editorial da revista *Colombo*,

a proclamação da Grande Genova, significa sem dúvida que uma sólida vontade anima hoje todos os latinos. A esta cidade, que foi outrora grande sobre os mares, é devolvido seu esplendor primeiro, e isto por vontade de Mussolini. Nós estamos apenas no começo. Guiados pela sábia mão do Duce [...] Gênova reencontrará certamente o caminho da vitória⁶⁰.

Itália, ver: Giuriati, Giovanni. Tradizioni di Italia nità nell'America latina. In: Colombo, fasc. I, junho 1926: 4 e Giuriati, G. La Crociera Italiana nell'America Latina. Roma, 1925.

57 "A conexão tão esperada de vários milhões de italianos, residentes na América do Sul, à Madre Patria através de uma voz italiana direta é daqui para frente uma realidade". Le Vie d'Italia e dell'America Latina, nº4, abril 1925: 391 e Le Vie d'Italia e dell'America Latina, n. 12, dez. 1925.

58 Il trionfale volo di De Pinedo sulle acque e le terre dell'America Latina. In: Le Vie d'Italie e dell'America Latina, nº 5, maio 1927; De Pinedo, Francesco. Il mio volo attraverso l'Atlantico et le Americhe. Buenos Aires: El Bibliófilo Viau y Zona, 1928.

59 Citado pela revista Le Vie d'Italie e dell'America Latina, n. 2, fev. 1927: 248.

60 Broccardi, Eugenio. Nelle terre di America. In: Colombo, fasc.I, junho 1926: 7. De seu lado, a Argentina, desde 1830, reconhece na Revista de la Plata (nº 4, abril 1830: 9) que « Gênova nos apresentou com um mundo de marinheiros e, junto com eles, vieram pequenos comerciantes,

As instituições superiores de Gênova são identificadas como órgãos essenciais para as abordagens culturais voltadas ao subcontinente latino. A Universidade de Gênova se orienta, através da Faculdade de Letras, para os estudos de filologia moderna a fim de que seus estudantes pudessem seguir os movimentos literários e científicos das Repúblicas latino-americanas. Professores universitários de Santiago, São Paulo, Buenos Aires, La Plata, Lima são convidados à Itália com vistas a ministrarem cursos, bem como acadêmicos italianos são enviados ao subcontinente. Uma missão genovesa desembarca na Argentina, em fins de 1924, para melhor conhecer "o jovem e ardente povo argentino e para sedimentar a primeira pedra do edifício que nós vamos construir juntos com os intercâmbios ulteriores de eruditos de todos os campos do saber"⁶¹.

Gênova contará com um 'Instituto Italiano de Cultura Argentina', fundado para ser uma "resposta digna" ao 'Instituto Argentino de Cultura Italiana' e a "sua vasta biblioteca especializada." Esse último instituto, fundado no ano de 1923 em Buenos Aires, pretendia

cultivar as interações culturais entre a Argentina e a Itália nos campos científicos, literários e artísticos, promovendo a vinda à Argentina de universitários e de renomadas personalidades das artes e das letras, e obtendo que professores das Universidades e intelectuais argentinos fossem à Itália⁶².

De fato, os profissionais argentinos são os mais presentes em Gênova, como Arturo Rossi, chefe de uma missão chegada à cidade em 1927. Nessa ocasião, Rossi concede,

o progresso da Argentina é devido, em grande parte, ao povo italiano, o qual foi pioneiro em *civiltà*. Os italianos converteram em cidades e vilarejos as terras que antes eram os pampas desérticos. Identificam-se verdadeiros e apropriados vínculos de sangue que se evidenciam quando pensamos que mais da metade da população argentina é originária do solo italiano⁶³.

Em fins do ano de 1929, para melhor orquestrar o conjunto das atividades desenvolvidas em Gênova, é fundado nesta cidade o 'Instituto de Cultura Italo-ibero-americano', o qual se constitui enquanto delegação vinculada ao *Istituto Cristoforo Colombo*.⁶⁴ A escolha de uma cidade-símbolo correspondia igualmente à concepção do projeto de Lei apresentado no Senado pelo redator do *Manifesto degli intellettuali del Fascismo* de 1925, Giovanni Gentile, que objetivava criar um vínculo entre os centros de irradiação da cultura italiana no exterior. O senador Gentile pretendia ressaltar o que considerava como a íntima correlação entre a vida cultural e a vida econômica de uma

donos de bares, donos de vendas de alimentos e de roupas, toda essa série de pequenos vendedores que, com seus estabelecimentos, vestem e fornecem nossos nativos".

61 Genova e le relazioni culturali con l'America Latina. In: Corriere Italiano, nº45, nov. 1924: 2

62 Gli scambi culturali fra i centri universitari d'Italia e del Sud-americana. In: Le vie d'Italia e dell'America Latina, 1º jan. 1925: 53.

63 Professori argentini a Genova. In: Le vie d'Italia e dell'America Latina, nº4, abril 1927: 486.

64 Lualdi, Adriano. Viaggio musicale nell'America Latina, s/d. : 178.

nação, em outros termos, os resultados se guramente benéficos no domínio das trocas comerciais que adviriam da intensificação das relações culturais entre países.

Em Roma, cidade contemplada com o maior número de visitantes, pretendia-se instaurar a 'Casa de Colombo': "É sobre os auspícios de Roma e Gênova que o Instituto Cristóvão Colombo quer criar um centro onde os povos de língua espanhola e portuguesa possam encontrar um pequeno espaço de sua pátria"⁶⁵, anuncia a revista do Instituto. A casa comportaria, graças às doações dos países associados ao Instituto, uma biblioteca e uma sala de leitura, com revistas, jornais, publicações oficiais e informações as mais variadas sobre o mundo 'latino'. Previam-se salas de conferências, de reuniões e de concertos; exposições permanentes de produtos dos países latino-americanos e de feiras de produtos italianos⁶⁶.

As concepções de Giovanni Gentile – convencido, portanto, da importância de propagar a cultura italiana e considerando imperativo o conhecimento estrito da cultura e dos hábitos dos países com os quais a Itália pretendia desenvolver interesses comerciais – são largamente atestadas e corroboradas pelos analistas do continente latino-americano. Desta forma já se manifestara, no ano de 1924, o adido comercial italiano no Chile, Tommaso Mancini,

"a necessidade de uma intensa ação de propaganda cultural no continente latino já foi prospectada várias vezes por todos aqueles que se interessaram na Itália pela penetração nas Repúblicas sul-americanas⁶⁷.

No entanto, todo este esforço estratégico e operacional inicial do regime fascista para a América Latina vai se perder em breve. A partir de 1927 observa-se uma mudança de orientação na política do regime, tanto em relação às relações externas, quanto às prioridades internas. Obstáculos serão colocados à emigração estável, enquanto que se permite ou se favorece a emigração temporária. Orientação essa que coincide com a entrada em vigor das leis de exceção, as leis fascizantes, que colocam fim na Itália aos últimos vestígios de democracia e instauram definitivamente a ditadura fascista.

A despeito dos inegáveis esforços e ações práticas do regime fascista em relação à América Latina, os resultados computados em fins dos anos vinte mostravam-se, segundo os dirigentes italianos, decepcionantes. Múltiplas seriam as explicações. O que para a Itália aparecia como um empreendimento de monta diluía-se nesse vasto subcontinente, onde a superação da concorrência político-econômica e cultural de nações como Inglaterra, França, Estados Unidos e Alemanha revelava-se muito mais intransponível do que o imaginado pela Itália. As suas próprias comunidades emigradas não haviam dado resposta satisfatória aos apelos tardios da *Madre Patria*, em função, dentre outros fatores, do grau adiantado de assimilação em que os mesmos se encontravam em muitos lugares, em especial, nas grandes cidades, como Buenos Aires

65 L'avvicinamento Italo-argentino : l'opera dell'Istituto 'Cristoforo Colombo'. In: Colombo, fasc. II, março 1927: 38.

66 Bacci, Luigi. La Casa di Cristoforo Colombo. In: Colombo, fasc.V, set. 1927: 260 a 261.

67 Mancini, 1924: 9.

e São Paulo. Na virada dos anos vinte, com a diminuição da emigração italiana para a América do Sul, a Itália viu seu interesse por essa parte do mundo diminuir consideravelmente.

Nesta época, ela passa a privilegiar sua influência crescente na Europa central e balcânica, onde julga possuir melhores condições de manobra, bem como seu avanço em território africano, esperando que se efetue a conquista da Etiópia e a expansão de sua vocação colonizadora. Os anos em que a América Latina aparecia como um horizonte importante e possível para a sua política internacional haviam passado, em meio à ilusão sobre as próprias capacidades materiais e operacionais da Itália em realizar um projeto de inserção de tal monta. Os anos trinta marcarão esse afastamento progressivo, com momentâneas retomadas, como na ocasião da busca de apoio em países latino-americanos face à crise desencadeada na Sociedade das Nações, quando da invasão italiana da Etiópia em 1935-6. Logo, porém, a Itália fascista já imersa nos problemas europeus, rumou para o abismo e para o seu fim com a Segunda Guerra Mundial. Assim, seus ensaios panlatinos na América Latina perdem o foco, frente a necessidades e interesses mais prementes do momento.

BIBLIOGRAFÍA

Ardao, Arturo. "El nombre 'América Latina' en Madrid desde 1858", *Cuadernos Americanos*, vol. 6, nº 36, nov/dez. 1992-a.

Ardao, Arturo. *España en el origen del nombre América Latina*. Montevideo: Biblioteca de Marcha-Fundação de Cultura Universitária, 1992-b.

Ardao, Arturo. *Génesis de la idea y el nombre de América Latina*. Caracas: Centro de Estudios Latinoamericanos Rómulo Gallegos, 1980.

Ardao, Arturo. *La idea de la magna Colombia de Miranda a Hostos*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1978.

Barbagallo, Corrado. "Il metodo storiografico tedesco e la storiografia dei paesi latini", *Rivista delle nazioni latina*, n.1, vol. 1, 1916.

Béjin, André. "Théories socio-politiques de la lutte pour la vie". In: Ory, Pascal (org.). *Nouvelle histoire des idées politiques*. Paris: Hachette, 1987.

Bethell, Leslie. "O Brasil e a ideia de "América Latina" em perspectiva histórica",

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 22, n.44: 289-321, julho-dezembro de 2009.

Bianco, Francesco. *L'Italia e il Brasile: la lotta dei giganti nell'America del Sud e la fortuna del mercato italiano*. Milano: Fratelli Treves, 1920.

Bilbao, Francisco. "Iniciativa de la América Idea de un Congreso Federal de las Repúblicas". (1856). Extraído em 03/02/2013 desde <http://www.filosofia.org/aut/002/fbb1285.htm>.

Blancpain, Jean-Pierre. *Migrations et mémoire germaniques en Amérique latine*. Presses Universitaires de Strasbourg, 1994.

Brandalise, Carla. *Les rapports internationaux de l'Italie envers l'Amérique latine: 1922-1936*. Lille: ANRT, 2005.

Caicedo, José MaríaTorres. "Las dos Américas", *El Correo de Ultramar*, ano 16, Paris, 15 de fevereiro de 1857. Extraído 03/02/2013 desde <http://www.filosofia.org/hem/185/18570215.htm>

Calvo, Charles (ed.). *Recueil complet des traités, conventions, capitulations,*

armistices et autres actes diplomatiques de tous les Etats de l'Amérique latine. 16 vols. Paris, 1862-1867. Extraído 18/02/2013 desde <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k958603/f5.image>

Caratti, Giuseppe. *I rapporti Italo-argentino dopo la guerre*. Acqui: Tipografia Pietro Righetti, 1917.

Chevalier, Michel. *Le Mexique ancien et moderne*. Paris: Hachette, 1863.

Chevalier, Michel. *Lettres sur l'Amérique du Nord*. (1836) Extraído em 12/02/2013 desde <http://ia700300.us.archive.org/23/items/lettressurlameri01chevala/lettressurlameri01chevala.pdf>

Delamare, George. *La tragédie méxicaine, une faute de Napoléon III*. Thone: Liège, 1963.

Duroselle, Jean-Batiste. *Histoire diplomatique de 1919 à nos jours*. 11° ed. Daloz, 1933.

Estrade, Paul. "Observaciones a don Manuel Alvar y demás académicos sobre el uso legitimo del concepto América latina". Rabida: Huelva, 1994: 79-82.

Feres Jr., João. *A história do conceito de 'latin america' nos Estados Unidos*. SP : Edusc, 2005.

Finkelstein, Federico. *Fascismo trasatlántico: ideología, violencia y sacralidad en Argentina y en Italia: 1919-1945*. FCE: Buenos Aires, 2010.

Franzoni, Ausonio. "Appunti sul programma della Sezione B del IV Congresso Geografico Italiano", *L'Esplorazione commerciale*, a. XVI, fasc. III, 15 fev. 1901.

Gentile, Emilio. "L'emigrazione italiana in Argentina nella politica di espansione del nazionalismo e del fascismo", *Storia Contemporanea*, a. XVII, n.3, junho 1986.

Girault, René e Frank, Robert. *Turbulente Europe et nouveaux mondes, 1914-1941*. Paris: Éditions Payot, 2002.

Grosso, Bruno. "Exilés et réfugiés politiques dans la France du XXe siècle". Matériaux pour l'histoire de notre temps, vol. 44, Num. 44, 1996: 27-35.

Grossi, Vincenzo. *Storia della colonizzazione europea al Brasile e della emigrazione italiana nello stato di San Paolo*. Milano-Roma-Napoli: Dante Alighieri, 2ed., 1914 [1905].

Incisa, Luigi. *Nel paese della fazenda*. Milano: Felice Balzaretto, 1925.

Lerma, Gustavo Palomares. *Mussolini y Primo de Rivera. Política Exterior de dos dictadores*. Madrid: Eudema, 1989.

Macola, Ferruccio. *L'Europa alla conquista dell'America Latina*. Venezia : Ferdinando Ongania ed., 1894.

Mancini, Tommaso. *Problemi e mezzi della nostra penetrazione economica nell'America Latina*. Santiago, 1924.

Marocco, Gianni. *Sull'altra sponda del Prata: gli italiani in Uruguay*. Milano: Franco Angeli, 1986.

Martinière, Guy. *Aspects de la coopération Franco-Brésilienne*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1982.

Mastellone, Salvo. "L'Idée di Latinità". In: Duroselle, J. B. e Serra, Enrico. *Italia e Francia dal 1919 al 1939*. Milano: ISPI, 1981.

McGuinness, Aims. "Searching for 'Latin America': Race and Sovereignty in the Americas in the 1850s." In: Nancy Appelbaum, Anne S. Macpherson, and Karin Alejandra Roseblatt (eds.). *Race and Nation in Modern Latin America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003.

Milza, Pierre. *Les Fascismes*. Paris: Seuil, 1991.

Mix Rojas, Miguel. *Los cien nombres de América. Eso que descubrió Colón*. Barcelona: Editorial Lumen, 1991.

Morse, Richard M. O. *Espelho Próspero: cultura e ideias nas Américas*. SP: Companhia das Letras, 1998.

Phelan, John Leddy. "Panlatinismo, la intervención francesa en México y el origen de la idea de Latinoamérica". In: *Latino América*, 2, México, 1969: 119-141 (edição original: Pan-Latinism, French Intervention in Mexico (1861-1867) and the Genesis of the Idea of Latin America. In: *Consciencia y autenticidad históricas. Escritos en homenaje a Edmundo O'Gorman*. México: UNAM, 1968).

Phelan, John L. "El origen de la idea de Latinoamérica". In: Zea, Leopoldo (org.) *Fuentes de la cultura latinoamericana*. Tomo I, México: FCE, 1993.

Quijada, Mónica. "Sobre el origen y difusión del nombre América Latina", *Revista de Indias*, 1998: 214.

Rangoni, Domenico. *Dopo un viaggio in Italia: contributo allo studio sulle relazioni tra l'Italia ed il Brasile*. SP: Duprat & Comp., 1903.

Renouvin, Pierre. *Historie des relations internationales*. Vol. 2. Paris: Hachette, 1994.

Robledo, Antonio Gomez. *Idea y experiencia de América*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1958.

Rodó, José Enrique. *Ariel*. Buenos Aires, 1900.

Rodriguez, Miguel. "Naissance de la 'fête de la Race' (d'une guerre à l'autre)". *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, Vol. 27, Num. 27, 1992.

Romero, Vicente. "Du nominal 'latin' pour l'Autre Amérique. Notes sur la naissance et le sens du nom 'Amérique latine' autour des années 1850". *Histoire et Société de*

l'Amérique latine, nº7, premier semestre 1998: 57-86.

Rougerie, Jacques. "Le second Empire". In: Duby, Georges (org.) *Historie de la France*. Paris: Labrousse, 1997.

Sánchez, Victoriano Peña. *Intelectuales y Fascismo: la cultura italiana del 'ventennio fascista' y su repercusión en España*. Granada: Universidad de Granada, 1995.

Shaw, Donald Leslie. *La generación del 98*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1977.

Soler, Ricaurte. *Idea y cuestión nacional latinoamericanas: de la independencia a la emergencia del imperialismo*. 3ed. México: Siglo Veintiuno, 1987.

Verdery, Katherine. "Para onde vão a nação e o nacionalismo?" In: Balakrishnan, Gobel. *Um Mapa da Questão Nacional*. RJ: Contraponto, 2000.

Sueiro, Susana. "L'Espagne et la 'question marocaine': la politique méditerranéenne de Primo de Rivera (1923-1930)". *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, vol. 32, num. 32-33, 1993.

Trento, Angelo. "Os viajantes italianos na América Latina durante o período fascista: entre curiosidade e ideologia". *Locus, Juiz de Fora*, v. 14, n. 2, 2008.

Ugarte, Manuel. *El porvenir de la América latina: la raza, la integridad territorial y moral, la organización interior*. Valencia: F. Sempere, 1910.

Ugolotti, Filippo. *Italia e Italiani in Brasile: note e appunti*. SP: Riedel e Lemmi, 1897.

Vilaboy, Sergio Guerra; Gallardo, Alejo Maldonado. *Laberintos de la integración latinoamericana. Historia, mito y realidad de una utopía*. Caracas: Pixels, 2006.